

HENRIQUE BARROSO FERNANDES

EXPRESSÃO PERIFRÁSTICA
DA CATEGORIA GRAMATICAL VERBAL ASPECTO
EM PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO (I)



BRAGA • 1990

Expressão perifrástica

da categoria gramatical verbal *Aspecto*

em português contemporâneo (I) *

HENRIQUE BARROSO FERNANDES
(Universidade do Minho)

0. Introdução

Antes de procedermos ao estudo do processo de gramaticalização das perífrases verbais, convém tecer algumas considerações sobre o que entendemos aqui por *aspecto* e também sobre os seus diferentes processos de realização na actual norma linguística portuguesa.

Assim, e em primeiro lugar, definimos *aspecto* como uma categoria verbal (mas não exclusiva do *verbo* enquanto classe léxica) que tem que ver com o desenvolvimento interno do processo, independentemente da sua localização no eixo temporal. Deste facto, decorre ser o *aspecto* uma categoria pluridimen-

* Este artigo — porque demasiado longo para ser publicado de uma só vez — estruturámo-lo, pois, em duas partes. Na primeira, e para que melhor se possa entender a dinâmica da expressão perifrástica da categoria gramatical verbal *aspecto*, analisa-se o processo de *gramaticalização* (ou *instrumentalização*) das perífrases verbais; na segunda, exemplifica-se este processo de realização gramatical através do estudo/análise da categoria aspectual da *visão*, ou seja: quais os significantes linguísticos (= sintagmas gramaticais) que na actual norma linguística portuguesa servem à expressão dos diferentes valores aspectuais que a categoria da *visão* compreende.

sional, indicando a 'duração' (o processo pode ser mais ou menos durativo, ou até pontual), as 'fases' (o processo pode estar para realizar-se, começar a realizar-se, continuar a realizar-se, aproximar-se do fim, acabar de realizar-se, etc.), a 'colocação' (o processo pode situar-se relativamente a processos que lhe são, ou imediatamente anteriores, ou imediatamente posteriores), a 'visão' (o processo pode ser visto, ou globalmente, ou parcialmente), 'o resultado' (o processo pode apresentar um resultado efectivo ou produtivo), a 'repetição' ou 'número verbal' (o processo pode ser único ou repetido, uma ou várias vezes), a 'determinação' ou 'orientação objectiva' (o processo indica o seu encaminhamento: do princípio para o fim e vice-versa, ou indiferente a esta orientação), etc., etc., pois, como refere Eugenio Coseriu¹, as dimensões aspectuais são teoricamente numerosas.

Estas e outras dimensões (compreendidas no *etc., etc.*) podem realizar-se em português por meio de processos não-gramaticais e/ou gramaticais. Uns e outros são, por conseguinte, alguns processos de que as diferentes línguas do mundo dispõem para a expressão dos referidos valores de natureza aspectual. Os primeiros compreendem as expressões *lexical e contextual*; e os segundos, as expressões *flexional e perifrástica*. As expressões *lexical e contextual*, realizações não-gramaticais, portanto, caracterizam-se, por oposição às realizações gramaticais (que possuem instrumentos gramaticais próprios, isto é, significantes cuja função primária é a de expressarem este e/ou aquele valores temporo-aspectuais ou simplesmente aspectuais), por carecerem destes mesmos (ou semelhantes) instrumentos (gramaticais) e expressarem os referidos valores através de semantemas verbais e de afixos derivativos, por um lado, e de adjuntos adverbiais, por outro lado.

Assim, em português, e no que ao processo de expressão *lexical* diz respeito, os semantemas verbais podem denotar uma ideia de 'duração' (exs.: *durar, continuar*, etc.), de 'progressão' (exs.: *crecer, envelhecer*, etc.), de 'iteração' (exs.: *repetir*, etc.), de 'incoatividade' (exs.: *começar, principiar*, etc.), de 'término' (exs.: *acabar, terminar*, etc.), de 'acção conclusiva' (exs.: *entrar*,

¹ E. Coseriu, «Aspect verbal ou aspectus verborum?», in: *La notion d'aspect*, pp. 14-19.

sair, abater, etc.), de 'acção inconclusa' (exs.: *admirar, sonhar, falar*, etc.), etc., por um lado; e os afixos (prefixos e sufixos) podem também desempenhar um papel com maior ou menor significado na expressão destes mesmos ou de outros valores aspectuais: de 'iteração' [exs.: *saltitar* (diminutivo verbal) oposto a *saltar*, etc.], de 'mudança de estado' (exs.: *empalidecer, arrefecer, aquecer*, etc.), de 'repetição simples' (exs.: *refazer e redizer*, opostos a *fazer e dizer*, etc.), por outro lado.

A expressão *contextual*, que, como já foi assinalado, está representada, sobretudo, pelos adjuntos adverbiais, também ocupa uma posição que não é, de modo algum, de desprezar na realização da categoria verbal que agora nos interessa. Assim, nos enunciados «a criança *ainda* chora», «a criança *já não* chora», «a criança *ainda não* chora» e a «criança *já* chora», verificamos que os advérbios sublinhados — perfeitamente substituíveis por estes sintagmas verbais «a criança *continua a chorar*», «a criança *deixou de chorar*», «a criança *está para chorar* (= «a criança talvez vá chorar») e «a criança *começou a chorar*», respectivamente — expressam os seguintes valores aspectuais: 'fase continuativa', 'fase egressiva', 'fase iminencial' e 'fase inceptiva'², também respectivamente. Para além destes, outros advérbios e locuções adverbiais como *ontem, amanhã, de tarde, à noite, agora, nunca, todos os dias, raramente*, etc., etc., estão ao serviço de outros tantos valores aspectuais.

As expressões *flexional* e *perifrástica*, processos gramaticais da categoria *aspecto* (já que possuem instrumentos próprios para o efeito), são, de longe, os mais sistemáticos e, por isso mesmo, os de maior rendimento funcional. Porém, e nesta qualidade, a expressão *flexional* fica bastante aquém da *perifrástica*. É que os morfemas da flexão verbal portuguesa têm como função primária expressar os valores sistemáticos das categorias *tempo, modo, pessoa* e *número* (verbais, naturalmente). Contudo, certos

² Sobre estes valores aspectuais de *fase*, vide o nosso estudo *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo. Visão funcional/sincrónica*. Braga: Universidade do Minho, 1988. (Este estudo, que constitui o trabalho de síntese das nossas provas de A.P.C.C., vai ser brevemente publicado, com o n.º 6, na «Colecção Linguística 'Coimbra Editora'», dirigida pelos Profs. Doutores José G. Herculano de Carvalho, Coimbra e Lisboa, e Jürgen Schmidt-Radefeldt, Kiel — R.F.A. —, pela Coimbra Editora).

valores aspectuais podem deduzir-se secundariamente ou, até, aparecerem (isto é: serem expressos) simultaneamente. Porque, na conjugação central, o *aspecto* está combinado com o *tempo*, Herculano de Carvalho³ pensa que só as morfotaxes do passado apresentam regularidade quanto à expressão dos valores aspectuais (exs.: *estudou e estudara* – ‘perfectividade’ / *estudava e estudaria* – ‘imperfectividade’). As restantes morfotaxes (de ‘presente’ e de ‘futuro’) exprimem um valor aspectual durativo que, de acordo com o ‘carácter aspectual’ (= significação interna) do verbo e também conforme os contextos de ocorrência, pode ser, ou ‘perfectivo’ ou ‘imperfectivo’.

É, no entanto, a expressão *perifrástica* que representa a realização óptima da categoria *aspecto* em português contemporâneo. E isto, porque se estabelece um forte elo de ligação/subordinação (propriedade que vamos analisar nas páginas seguintes) entre o *verbo auxiliar* e o *verbo auxiliado* (exs.: *estão a estudar / estavam a estudar / (oxalá) estejam a estudar!* / etc. — ‘visão angular’; *vai estudando / ia estudando*, etc. — ‘visão prospectiva’; *ponho-me a estudar / pus-me a estudar / punha-me a estudar* / etc. — ‘fase inceptiva’; *acabou por pensar / acabava por pensar / acabará por pensar* / etc. — ‘ordem’ ou ‘alinhamento’)⁴.

Uma nota final: este tipo de expressão (também denominada ‘conjugação perifrástica’) veio suprir, de forma inequívoca e espectacular, a deficiência das formas verbais simples no tocante à expressão de certas modalidades [diatéticas (= valores passivos) vos), temporais (= valores temporais), modais (= valores modais) e sobretudo aspectuais (= valores aspectuais)] do verbo português, em particular, e do verbo românico, em geral, demonstrando também a tendência analítica (tão característica das línguas românicas) da flexão verbal — principalmente no que diz respeito à expressão da categoria *aspecto* —.

³ José G. Herculano de Carvalho, «Temps et aspect: problèmes généraux et leur incidence en portugais, français et russe», in: *Estudos Linguísticos*, Vol. 3, pp. 216 e sqq.

⁴ Para os valores aspectuais de ‘fase inceptiva’ e ‘ordem’ (ou ‘alinhamento’) veja-se, também, o nosso estudo, já referido, da nota 2; e para os restantes valores de *visão*, vide não só o estudo referido na nota 2, mas também a II parte (a publicar no próximo número de *Dacrítica*) deste mesmo trabalho.

1. Gramaticalização (ou instrumentalização) das perífrases verbais

A gramaticalização é um fenómeno das línguas que consiste essencialmente na transformação de um significante de significação objectiva (*lexema* ou *semantema*) num significante de significação meramente gramatical (*categorema* ou *morfema*), ou, por outras palavras, a transferência de um 'significado léxico' para um 'significado instrumental' (ou 'gramatical'). Deste modo, a entidade linguística (= significante) resultante desta operação transformacional deve ser considerada como um *morfema*, ou seja, como um verdadeiro suporte material de uma (ou mais) função (funções) gramatical(ais). Assim, por exemplo, comparando este enunciado «o médico *anda* sempre a pé» com este outro «o médico *anda a estudar* as causas da SIDA», verificamos que, no primeiro, o verbo *andar*, portador do significado léxico 'movimentar-se no espaço, dando passos', é um 'verbo pleno', ao passo que, no segundo, não funciona mais nesta qualidade (isto é, de 'verbo pleno' ou 'autónimo'), mas sim — porque nos encontramos diante de um verdadeiro complexo verbal (ou perífrase verbal) perfeitamente gramaticalizado(a) — como um instrumento gramatical, portador, neste caso concreto, de uma significação aspectual, a saber: *visão comitativa*⁵.

A gramaticalização pode ser entendida em termos diacrónicos e/ou sincrónicos. Diacronicamente, «on parle de *grammaticalisation* quand un morphème lexical, au cours de l'évolution d'une langue, ou dans la transformation d'une langue en une autre, est devenu un morphème grammatical»⁶. Exemplo elucidativo deste tipo de gramaticalização é o caso de *mens-mentis* (palavra latina: no ablativo singular, *mente*) que se tornou em português, e noutras línguas românicas, um sufixo do advérbio de modo (exs.: port.: *felizmente*⁷, *agradavelmente*; esp.: *sencillamente*; it.: *correttamente*; fr.: *heureusement*).

⁵ Sobre este valor aspectual, *vide* o nosso estudo várias vezes aqui referido e, ainda, a II parte deste artigo (*Diacrítica*, n.º 6, 1991).

⁶ Jean Dubois *et alii*, *Dictionnaire de Linguistique*, pp. 238-239.

⁷ Aliás, sincronicamente, *mente* funciona em português, quer como *lexema*: a *mente* (na qualidade de substantivo comum), quer como *morfema*: *feliz-mente* (na qualidade de sufixo de alguns advérbios de modo).

Sincronicamente, esta transformação de *lexema* (ou *seman-tema*) em *catagorema* (ou *morfema*) só no contexto se pode testar. É que, nesta perspectiva, quase todos os verbos que desempenham a função de 'auxiliar' também funcionam, fora do contexto perifrástico, como 'verbos dependentes' ou 'autónomos'⁸. Os verbos *cópula* (*ser* e *estar*), por serem *palavras catagoremáticas*, representam a única excepção. Os restantes auxiliares desempenham essa dupla função. Assim, *ter* e *haver* (que, incluindo *ser* e *estar*, são os únicos considerados como *auxiliares* por todos os estudiosos desta matéria), para além da sua função auxiliar, significam, quando não usados nesta qualidade, 'posse' e 'existência', respectivamente. Todos os demais auxiliares, cujo número varia um pouco de autor para autor (este facto tem que ver, em parte, com os critérios de delimitação usados), como *começar*, *acabar*, *ir*, *vir*, *andar*, etc., etc., por exemplo, apresentam diferentes graus de gramaticalização, conservando, em maior ou menor escala, parte do seu significado léxico.

Este último tipo de *gramaticalização* é, pois, o que nos vai interessar agora, já que tem que ver com os sintagmas gramaticais (= perífrases verbais), que, na actual norma linguística portuguesa estão ao serviço, e de modo particular, de um conjunto de valores de natureza aspectual, de entre os quais vamos estudar, apenas, e na segunda parte deste mesmo artigo, os de *visão*, que a categoria verbal mais geral, *aspecto*, compreende. No entanto, e para que melhor se possa entender esta dinâmica, atentemos no que se vai dizer nos seguintes parágrafos.

1.1. O conjunto *verbo auxiliar + verbo auxiliado*

Verbo auxiliar + verbo auxiliado é a estrutura que determina o fenómeno linguístico da 'auxiliaridade' ou, também dito, 'complexo de auxiliação'. E para este facto, contribui, como é mais que evidente, o conceito de *verbo auxiliar*. Por este entende-se, segundo Bernard Pottier, «todo o verbo que es 'incidente' de otro verbo en un mismo sintagma verbal»⁹ ou, segundo Roca-Pons,

⁸ A *gramaticalização* não é exclusiva dos 'verbos' enquanto classe léxica. Também se verifica noutras classes da mesma natureza (cf. nota anterior).

⁹ B. Pottier, «Sobre el concepto de verbo auxiliar», in: *Lingüística Moderna y Filología Hispánica*, p. 194.

«el verbo [que] sirve, esencialmente, para expresar una modalidad determinada de un concepto verbal»¹⁰. Assim, por exemplo em «O António *tem estudado* muito» e «O António *vem estudando* muito», verificamos que o primeiro elemento de cada uma das sequências sublinhadas (*tem* e *vem*) funciona como 'modificante', pois não expressa uma noção nova, mas tão-só uma modalidade; ao passo que o segundo (*estudado* e *estudando*) funciona como elemento 'modificado', porquanto expressa uma noção nova ou predicativa.

A 'função modificante' é representada, por conseguinte, na classe dos verbos, por um número finito de variáveis; e a 'função modificada', ao invés, por um número teoricamente infinito, isto é, por todos os verbos existentes numa língua funcional e que, sincronicamente falando, nunca podem ser 'incidentes' de outros verbos ou não possuem essa capacidade funcional.

Uma outra observação, que nos ajuda a clarificar o relacionamento entre *verbo auxiliar* e *verbo auxiliado*, prende-se com aquilo que B. Pottier chama de 'incidência directa' / 'incidência indirecta'¹¹. O primeiro tipo caracteriza-se por o *auxiliar* incidir directamente sobre o *auxiliado*, modificando-o. Servem de exemplo, entre outros, os enunciados há pouco referidos (como *tem trabalhado* e *vem trabalhando*). Há, porém, outros tipos de construções que, apesar de, formalmente, serem diferentes, se assemelham às anteriores, funcionalmente. Estamos, neste caso, diante da 'incidência indirecta'. Esta, contrariamente à anterior, caracteriza-se por o *verbo auxiliar* modificar o *auxiliado* por meio de uma preposição. Os enunciados «O Manuel *está para escrever* à sua amiga», «O Joaquim *começa a trabalhar* amanhã», «No último conselho de ministros, o Primeiro-Ministro *acabara por reconhecer* perante todos os membros do executivo quão favorável era a Portugal a actual conjuntura internacional» são apenas alguns exemplos que nos podem elucidar acerca desse tipo de relacionamento que se estabelece entre os dois principais verbos que constituem uma perífrase verbal, cujo significado funcional (gramatical) não deriva da soma dos significados de cada um, tomados individualmente, mas da conjunção dos dois,

¹⁰ J. Roca-Pons, *Estudios sobre Perífrasis Verbales del Español*, p. 12.

¹¹ B. Pottier, *art. cit.*, pp. 165 e sqq.

globalmente considerados. Deste modo, a *perífrase verbal* que aqui nos interessa compara-se ao 'sintagma fixo' — porque significa um conceito simples — e ao 'sintagma livre' — visto que apresenta em comum a sua natureza morfo-sintáctica, evidenciada na autonomia morfológica dos seus termos —, tal como ('sintagma fixo' e 'sintagma livre') são identificados, definidos e caracterizados por José G. Herculano de Carvalho¹².

Para além destes dois tipos formais de construções perifrásticas (verdadeiras perífrases verbais gramaticais), existem alguns complexos verbais, muito semelhantes a estes — e que, por isso mesmo, correm o risco de confundir-se com eles — mas que, na realidade, não o são. B. Pottier não só nos alerta para este facto, como também no-lo ajuda a clarificar¹³.

Assim, tomando como exemplo «estoy *para* decirlo a tu padre» (port.: «estou *para* dizê-lo ao teu pai») e «vengo *para* decirlo a tu padre» (port.: «venho *para* dizê-lo ao teu pai») — onde se regista a presença da preposição *para* (tanto em espanhol como na tradução portuguesa), relacionando os dois verbos das respectivas frases —, verificamos que, se, por um lado, no segundo exemplo, podemos realizar diferentes modificações sem mudar o sentido (tipos: «vengo *acá* para decirlo a tu padre» — port.: «venho *aqui* para dizê-lo ao teu pai»; «*Quise* venir para decirlo a tu padre» — port.: «*Quis* vir para dizê-lo ao teu pai»; etc); por outro lado, já não se pode fazer o mesmo relativamente ao primeiro exemplo, sem que o conteúdo de *estar* se não altere (tipos: «Estoy *aquí* para decirlo a tu padre» — port.: «Estou *aqui* para dizê-lo ao teu pai»; «*Quise* estar aquí para decirlo a tu padre» — port.: «*Quis* estar aqui para dizê-lo ao teu pai»; etc.). Neste sentido, é lícito, portanto, supor uma unidade semântica e funcional «estoy para decirlo» (port.: «estou para dizê-lo») e incluir expressões deste tipo dentro do domínio da 'auxiliaridade'.

O primeiro elemento do conjunto (o *verbo auxiliar*) assume os morfemas de tempo, modo, pessoa e número, funcionando ele mesmo como um todo morfemático, graças ao processo (complexo) de gramaticalização a que foi (ou é) submetido; o segundo

¹² José G. Herculano de Carvalho, *Teoria da Linguagem*, Vol. II, pp. 504-525.

¹³ B. Pottier, *art. cit.*, p. 165.

(o *verbo auxiliado*), pelo contrário, nunca se flexiona e só pode aparecer numa das suas três formas nominais: *infinitivo*, *gerúndio* ou *particípio*.

É, também, conveniente frisar que os *verbos auxiliares* não se combinam de modo aleatório com as respectivas formas nominais dos *verbos auxiliados*. Há, no dizer de B. Pottier, uma espécie de «*rección aspectual*» dos primeiros para com os segundos, fenómeno que se manifesta na sua combinação de ocorrência. Isto quer significar, pois, que certos *auxiliares* podem ocorrer com as três formas nominais do auxiliado (estar, por exemplo, com *particípio*, — ‘passiva de estado’ —, com *gerúndio* e com *preposição + infinitivo* — valores aspectuais de ‘visão’ e ‘fase’ —), expressando, ora diferentes modalidades (*estar a + infinitivo* ≠ *estar para + infinitivo*), ora a mesma modalidade (*estar + gerúndio* = *estar a + infinitivo*)¹⁴; outros, porém, só ocorrem com esta ou aquela forma nominal (*ter + particípio* — valores ‘aspectual’ e ‘temporal’ —; *ter de + infinitivo* — valor ‘modal’ —; *andar + gerúndio* ou *andar a + infinitivo* — valor ‘aspectual’ —; etc., etc.).

Esta implicação mútua de *auxiliar* e *auxiliado* é corroborada, nos seguintes termos, por B. Pottier: «debe considerarse verdadero complejo de auxiliaridad el sintagma que no pueda transformarse en grupo disjuntivo sin que cambie su significación»¹⁵. Assim, um sintagma como «estou sonhando» nunca equivale a «estou e sonho»; ao invés, o sintagma «fala sonhando» pode (e deve) perfeitamente decompor-se em «fala e sonha» ou, ainda, «fala enquanto sonha», sem que o significado se altere.

Neste momento, é conveniente sublinhar que a significação lexical de uma unidade assim definida e caracterizada está apenas contida nas formas nominais do *verbo principal* ou *auxiliado* e, também, que estas formas verbais (também designadas morfotaxes de ‘infinitivo’, ‘gerúndio’, e ‘particípio’¹⁶) se distinguem,

¹⁴ A estrutura *estar + gerúndio* é mais frequente na norma portuguesa do Brasil e *estar a + infinitivo*, pelo contrário, é mais frequente na norma portuguesa de Portugal. Sobre esta matéria, vide estudos citados nas notas 2 e 4.

¹⁵ B. Pottier, *art. cit.*, p. 198.

¹⁶ Sobre esta terminologia, vide, de J. G. Herculano de Carvalho, «Tems et aspect: problèmes...», in: *Estudos Linguísticos*, Vol. 3, pp. 199-235.

não pela flexão dos tempos, modos, pessoas e números — como as outras morfotaxes que constiuem, com estas, a conjugação verbal — (por isso mesmo são formas verbais não flexivas), mas sim pelo seu *carácter aspectual*. O *particípio* indica o termo de uma acção ou, simplesmente, distensão verbal; o *gerúndio* expressa uma acção em desenvolvimento, ou seja, meio tensa meio distensa; e o *infinitivo* evoca a possibilidade do desenvolvimento ou, então, acção verbal em completa tensão (deste facto, resulta serem as perífrases verbais de infinitivo as mais numerosas e as mais variadas, tanto do ponto de vista morfológico como significativo).

Verbo auxiliar + particípio (exs.: *ter, haver, ser e estar + particípio*), *verbo auxiliar + gerúndio* (exs.: *ir, vir, estar, andar, etc. + gerúndio*), *verbo auxiliar + infinitivo* (exs.: *ir, vir, poder, etc. + infinitivo*) e *verbo auxiliar + preposição + infinitivo* (exs.: *começar a, ficar a, estar para, continuar a + infinitivo*) são os quatro tipos de estruturas perifrásticas que hoje encontramos efectivamente realizadas em português. Estas estruturas gramaticais opõem-se (como vamos ver já a seguir) aos chamados 'complexos verbais' (caracterizados pela 'significação disjunta', por terem 'dois sujeitos' e pelo 'não comportamento em bloco diante das transformações passiva e interrogativa'), porque, contrariamente a estes, se definem pela 'significação conjunta', por terem 'um único sujeito' e pelo 'comportamento em bloco diante das referidas transformações'

1.2. Critérios de delimitação do verbo auxiliar

A estrutura *verbo auxiliar + verbo auxiliado* (= verdadeiro complexo verbal perifrástico) constitui uma unidade semântica, sintáctica e funcional. Mais: trata-se de uma unidade constante nos planos do 'sistema' e da 'norma'. Para isto, contribuem, essencialmente, algumas propriedades do primeiro enquanto instrumento modificador do segundo, pois essa unidade formal da *norma* tem por função primária um valor do *sistema*. Esta relação *forma* $\leftarrow \rightarrow$ *valor* tem que ver com o princípio teórico (cabalmente definido e caracterizado por E. Coseriu¹⁷) 'a diacro-

¹⁷ E. Coseriu, «El aspecto verbal perifrástico en griego antiguo (y sus reflejos románicos)», in: *Estudios de Lingüística Románica*, pp. 232 e sqq.

nia da norma na sincronia do sistema'. Tal princípio significa que uma mudança linguística, operada numa qualquer língua particular, não abala a estrutura do sistema. Muito pelo contrário: a tradução desse princípio justifica o carácter permanentemente funcional de qualquer língua particular. É que, havendo necessidade de exprimir valores que até então não eram realizados e para os quais, agora, as formas verbais sintéticas não eram suficientes, a norma recorreu (ou recorre) a outras estruturas formais, capazes de expressarem essas funções que estavam (ou estão) apenas latentes no nível mais abstracto da hierarquização linguística, ou seja, no *sistema*.

Estudemos, pois, as propriedades do *verbo auxiliar*, tendo em consideração os seguintes critérios de delimitação que julgamos fundamentais.

1.2.1. Sendo o *verbo auxiliar* um elemento modificador por excelência, não pode ter um significado léxico, mas apenas instrumental. Estamos, neste momento, na presença do *critério semântico* que consiste na atribuição de perda sémica de todo o *auxiliar*. Isto significa que um ou mais semas (do conjunto que caracteriza um lexema) se perdeu ou perderam. Comparando, assim, os sintagmas «Depois de acabar os estudos, *voltei* à terra natal» e «*Voltei a ler* 'Os Maias', de Eça de Queiroz», verificamos que *voltar*, no primeiro exemplo, conserva todos os seus semas caracterizadores e, no segundo, pelo contrário, perdeu, pelo menos, o sema / movimento no espaço /. Esta perda de significado objectivo tem que ver, como facilmente se pode entender, com o processo de gramaticalização do verbo, gramaticalização esta que (como já foi assinalado — embora de passagem — e como ainda se há-de ver, dentro de instantes, no último parágrafo deste artigo, mais demoradamente) pode ser completa ou não, apresentando, por conseguinte, diferentes graus de enfraquecimento semântico.

1.2.2. A *unidade significativa* do conjunto em auxiliação, que a perífrase verbal gramatical constitui, é outro critério a considerar. Tal propriedade significa que o primeiro elemento desempenha a função gramatical e o segundo, a função lexical. Em «O António *anda a ler* muito», por exemplo, *anda a* representa a função gramatical 'visão comitativa' e *ler*, a significação lexical ou objectiva.

1.2.3. Uma vez que na língua se dá o processo de auxiliação, resulta deste facto que os dois verbos desse sintagma verbal apresentam um *único sujeito*. Assim, em «*Estás a preparar-te para o exame de código?*»; «*A Paula começará a trabalhar brevemente na E. D. P.*»; «*Os deputados acabaram por discutir o que não estava agendado*», o sujeito de *preparar*, *trabalhar* e *discutir* é o mesmo de *estar*, *começar* e *acabar*: 'tu', 'a Paula' e 'os deputados', respectivamente. O *infinitivo* expressa a acção praticada (ou a praticar) pelo sujeito e os *verbos* que o precedem imediatamente representam, não outras acções praticadas (ou a praticar) pelo mesmo (ou por outro) sujeito, mas apenas modalidades (aqui, aspectuais) da acção expressa pelo *infinitivo*.

1.2.4. O *verbo auxiliar* também se costuma definir e identificar pela *ordem dos termos no sintagma*, isto é, verbo flexionado seguido de uma forma participial, infinitiva ou gerundial. Este critério, como facilmente se pode ver, não é de maneira nenhuma de um rendimento funcional elevado (em todo o caso, pode ajudar-nos), porquanto construções como «*fala dormindo*» e «*alegrou-se vendo o filho*», que apresentam a mesma estrutura de «*estava lendo*» e «*continuava falando*», etc., não saberiam distinguir-se sem recorrermos a outro (ou outros) critério(s) mais preciso(s).

1.2.5. O critério das *restrições paradigmáticas*, segundo o qual todo o *verbo auxiliar* é defectivo, também não é globalizante, já que não afecta toda a classe de *auxiliares*. As formas que costumam faltar são o 'imperativo' e o 'particípio passado'. Rigorosamente, só o 'imperativo' é que falta, porque o 'particípio' é uma morfotaxe própria da conjugação central (ou das formas verbais simples). Entre os *auxiliares*, parecem escapar a tal critério os que expressam valores aspectuais de *fase*, nomeadamente, mas também outros (exs.: «*Começa a ler o texto!*», «*Acaba de ler o texto!*», «*Continua a ler o texto!*», etc., mas também: «*Volta a ler o texto!*», «*Torna a ler o texto!*» — estes últimos são auxiliares de *repetição simples* —).

1.2.6. A *separabilidade na identificação dos auxiliares*, isto é, «um grupo verbal semanticamente uno e formando um todo

funcional, do mesmo modo que uma lexia, seria indissociável»¹⁸, também não funciona. É que sintagmas como «Então, quando o telefone tocou, *estavam todos a dormir*», «A mãe *continua, contudo, a ralhar* com a filha», «O conferencista *acabou, finalmente, por falar* do 'efeito de estufa' que tem condicionado o clima nas diferentes regiões do globo» são perfeitamente equivalentes a «Então, quando o telefone tocou, todos *estavam a dormir*», «Contudo, a mãe *continua a ralhar* com a filha», «Finalmente, o conferencista *acabou por falar* do 'efeito de estufa' que tem condicionado o clima nas diferentes regiões do globo».

1.2.7. *O comportamento em bloco das verdadeiras construções perifrásticas diante das transformações passiva e interrogativa* também constitui um critério essencial, mas não absoluto, na caracterização do *verbo auxiliar*. Isto significa que as expressões perifrásticas (que constituem um sistema paralelo da conjugação central) formam um todo quando submetidas aos processos transformativos da *apassivação* e da *interrogação*. Objectivemos: «A Ana *está a ler* o 'Expresso'» «A Maria *acabou por confessar* a culpa», «Os médicos *chegaram a descobrir* a causa da SIDA», por exemplo, mantêm-se intactas diante dos referidos processos (para além, como é natural, das variações formais exigidas pelas transformações em causa). Assim, na *transformação passiva*, temos: «O 'Expresso' *está a ser lido* pela Ana», «A culpa *acabou por ser confessada* pela Maria», «A causa da SIDA *chegou a ser descoberta* pelos médicos», respectivamente; e, na *transformação interrogativa*: «O que *está a ler* a Ana?», «O que *acabou por confessar* a Maria?» e «O que *chegaram a descobrir* os médicos?». Por conseguinte, como ficou demonstrado, a *apassivação* e a *interrogação* não afectam cada um dos verbos individualmente, mas os dois como se de apenas um se tratasse.

1.2.8. *A frequência de ocorrência*, isto é, um verbo frequentemente utilizado diante do *infinitivo*, *gerúndio* ou *particípio*, também é um critério considerado na caracterização do *verbo auxiliar*. Porém, se há vários verbos (como *estar*, *andar*, *continuar* + *gerúndio*, por exemplo) que aparecem frequentemente,

¹⁸ Lúcia Maria Pinheiro Lobato, «Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de auxiliaridade», in: *Análises Linguísticas*, p. 35.

outros há que só aparecem em certos tempos e modos. Apesar disso, não deixam de ser *auxiliares* e, por conseguinte, instrumentos portadores de certas modalidades. Isto quer tão-só significar que tal critério, não sendo despiciendo, não é de forma alguma essencial na delimitação do *auxiliar*.

Do conjunto dos critérios apresentados¹⁹, destacamos, pela sua eficiência, os três primeiros (os estudados em 1.2.1., 1.2.2. e 1.2.3.), já que se considera (à semelhança do que Wolf Dietrich fizera para as línguas românicas²⁰) como propriedades absolutamente essenciais do *verbo auxiliar*, em união com o *auxiliado*, a sua unidade a 'nível semântico' (os dois verbos unidos, constituindo um todo, expressam um mesmo e único valor sistemático), a 'nível paradigmático' (oposição funcional dos seus membros: *auxiliar* e *auxiliado* — o primeiro pertencendo a um inventário limitado e o segundo a um inventário ilimitado de elementos — e a sua oposição, em conjunto, às formas simples) e a 'nível sintagmático' (os dois verbos, juntos, desempenham a mesma função sintáctica — o *predicado* —, já que o *auxiliado* nunca pode ser substituído, neste caso, por um substantivo ou adjectivo nem o *auxiliar*, também neste caso — em função morfológica —, pode ter qualquer complemento explícito ou implícito).

1.3. Graus de gramaticalização das perífrases verbais

Já comprovámos a unidade do conjunto *verbo auxiliar + verbo auxiliado*. Já estudámos, também, as propriedades do primeiro relativamente ao segundo. Por isso, neste momento, estamos em condições óptimas para averiguar os seus diferentes graus de gramaticalização, já que, como vimos, o *auxiliar*, pelo menos sincronicamente, nem sempre perde (ou não perde do mesmo modo) os seus semas caracterizadores.

Lato senso, podemos distinguir cinco fases (ou graus) no processo de gramaticalização de uma perífrase verbal. *Primeira*: simples 'coordenação' de duas (ou mais) formas verbais: a pri-

¹⁹ Sobre estes e outros critérios, *vide*, de Lúcia M. Pinheiro Lobato, o estudo referido na nota anterior e, ainda, de Eunice Pontes, *Verbos Auxiliares em Português*.

²⁰ Wolf Dietrich, *El Aspecto Verbal Perifrástico en las Lenguas Románicas*, pp. 46-75.

meira flexionada e a segunda não flexionada, mantendo sempre cada uma o seu valor léxico; *segunda*: marcação de uma 'intencionalidade', sem que o verbo auxiliar perca, mesmo em parte, o seu significado objectivo; *terceira*: perda total (ou quase total) dos semas caracterizadores; *quarta*: verbos cópula, absolutamente gramaticalizados; *quinta*: transformação de um *categorema* (este resultante da gramaticalização de um *lexema*) em um *morfema*.

Operamos, aqui, deste modo, porque, de facto, ainda não existe um método altamente rigoroso e científico que nos permita decidir, com segurança, sobre todos os graus de gramaticalização por que passa (ou pode passar) uma perífrase verbal. Se soubéssemos, com efeito, que todos os verbos, potencialmente *auxiliares* se caracterizavam por um número finito ('x') de semas (*lexicalização*) e que, na última fase de perda sémica, não apresentavam quaisquer desses semas (*gramaticalização total*) e, ainda, que, nas 1.^a, 2.^a, 3.^a, etc. fases, perdessem 'y', 'z', 'w', 'n', semas, respectivamente, aqui, sim, poder-se-ia operar com toda a segurança.

As primeiras quatro fases encontram-se documentadas tanto sincrónica como (é de fácil percepção) diacronicamente; a última, só diacronicamente. Isto não significa, no entanto, que as actuais formas analíticas não venham, daqui por muitos anos, criadas «todas» as condições necessárias, a tornar-se formas sintéticas, à semelhança, aliás, do que aconteceu com a perífrase do latim coloquial tardio do tipo *amare habeo* que se tornou, como se sabe, nas línguas românicas actuais, uma forma sintética: port.: *amarei*, esp.: *amaré*, fr.: *j'aimerai*.

A primeira e a última fases não representam perífrases verbais propriamente ditas, já que (para cada caso, por uma razão diferente), como é de fácil intuição, a primeira não é uma perífrase verbal na sua verdadeira acepção: os dois verbos representam, como muito bem salientou Wolf Dietrich²¹, «dois predicados, ou melhor, um predicado e um complemento directo» (tipos: «*Espero passar a fronteira*», «*Desejo falar com o Senhor Presidente*», «*A Maria costumava gritar com os irmãos*», etc.) «em

²¹ Wolf Dietrich, «As perífrases de 'modalidade' em português», in: *Estudos de Linguística Portuguesa*, pp. 60-61.

qualquer dos casos duas acções distintas ainda que relacionadas uma com a outra»; a última não constitui uma perífrase verbal, porque estamos diante de uma forma sintética (em todo o caso, resultante de uma forma analítica primária). Sirva-nos de exemplo a perífrase, já apontada, do latim coloquial tardio: *cantare habeo* (port.: *cantarei*) e *cantare habebam* (port.: *cantaria*).

O paradigma flexional verbal do latim clássico possuía duas formas sintéticas para os dois casos referidos: uma para o 'futuro do presente': *canta-bo* e *dele-bo* (1.^a e 2.^a conjugações), *leg-am*, *tribu-am* e *audi-am* (3.^a conjugação — temas em 'consoante' e em '-u-' — e 4.^a conjugação, respectivamente) e outra para o que poderíamos chamar o 'futuro do pretérito': *cant-em* (1.^a conjugação), *dele-am*, *leg-am*, *tribu-am* e *audi-am*²² (2.^a, 3.^a — temas em 'consoante' e em '-u-' — e 4.^a conjugações, respectivamente). Estas formas, por serem pouco expressivas, foram substituídas, em latim coloquial tardio, por formas analíticas (*cantare habeo / cantare habebam*; etc.) que, por sua vez, passaram, nas línguas românicas, a formas sintéticas. Deste modo, temos: *cantabo* ('futuro temporal') > *cantare habeo* ('futuro modal') > **cantar-ai(o)* > *cantarei* ('futuro modal temporalizado')²³. Estamos, neste caso concreto, diante daquele fenómeno que em linguística geral se denomina de *morfologização*, isto é, transformação de um *catagorema* (significante livre, ou autónomo, de significação meramente gramatical) em um *morfema* (signifi-

²² As formas *-em* e *-am* (conforme as conjugações) são sincréticas com as do 'presente do conjuntivo', isto é, o sistema verbal fundamental do latim clássico possuía um único significante para expressar dois valores sistemáticos: 'presente do conjuntivo' e aquilo a que em português se pode chamar 'futuro do pretérito'. O significante *-am* é também sincrético com o do 'futuro do presente' dos verbos das 3.^a e 4.^a conjugação. Trata-se, por conseguinte, de *morfemas homónimos*. Note-se, no entanto, que as equivalências mais habituais do 'futuro do pretérito' são dadas em latim pelo 'pretérito imperfeito do conjuntivo'.

²³ Esta diacronia da *norma*, representada pelas três diferentes expressões, corresponde à diacronia do *sistema*, representada, pelos três diferentes valores. Sobre esta matéria (ou, mais concretamente, sobre o 'futuro românico'), vide, de Wolf Dietrich, *El Aspecto Verbal Perifrástico en las Lenguas Románicas*, pp. 87-88, e, particularmente, de E. Coseriu, «Sobre el futuro romance», in: *Estudios de Lingüística Románica*, pp. 129-130.

cante preso, ou não-autónomo, também de significação meramente gramatical)²⁴.

Existem algumas razões (ou causas) que explicam a passagem de uma forma analítica a uma forma sintética. Mattoso Câmara²⁵ enumera três: 1. «ascensão em importância, no quadro geral das categorias verbais da língua, da noção gramatical que a perífrase traduz»; 2. «obsolescência da significação lexical do verbo que entra como auxiliar, isto é, aquele a que cabe o mecanismo gramatical do conjunto» e 3. «possibilidades fonológicas da construção em sua morfofonêmica». A estas causas, podemos acrescentar ainda uma quarta, intimamente ligada à terceira, que é a que diz respeito à ordem ou disposição dos dois verbos no complexo de auxiliação: *auxiliar* + *auxiliado* ou *auxiliado* + *auxiliar*? Foi, na realidade, esta última que possibilitou a evolução da perífrase *cantare habeo*²⁶ para (nas línguas românicas) uma forma sintética (port.: *cantarei*; etc.).

As restantes fases (2.^a, 3.^a e 4.^a) representam a gramaticalização das perífrases verbais *stricto sensu*. Neste caso, estamos diante de verdadeiros complexos verbais perifrásticos, porque, para além do elo de 'subordinação', criado entre os dois (ou mais) elementos que os constituem, existe a tal 'intencionalidade' (de que falámos atrás) para a expressão de determinadas *modalidades* ou *categorias gramaticais*.

Vejam, agora, em diagrama, encimado pelas cinco fases de gramaticalização, os principais complexos verbais perifrásticos (ou não) de uso actual, dando, naturalmente, maior relevo às perífrases aspectuais²⁷.

²⁴ Sobre 'categorema', 'morfema', 'significante livre' e 'significante preso', vide, de J. G. Herculano de Carvalho, *Teoria da Linguagem*, Vol. II, pp. 473-490.

²⁵ Mattoso Câmara, *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, p. 168.

²⁶ Para além desta, havia outras perífrases que também expressavam em latim a mesma função gramatical: *habeo (ad, de) cantare*.

²⁷ Esta lista não pretende, de modo algum, nem ser completa nem definitiva. Pode, por isso, ser alterada a qualquer momento. É, por conseguinte, apenas uma simples proposta de ordenação e integração dos verbos ditos *auxiliares* dentro dos diferentes graus de gramaticalização que aqui conseguimos distinguir.

1.ª FASE	2.ª FASE	3.ª FASE	4.ª FASE	5.ª FASE
desejar + inf. costumar + inf. dever + inf. esperar + inf. tencionar + inf.	começar a + inf. recomeçar a + inf. principliar a + inf. continuar a + inf. continuar + ger. cessar de + inf. parar de + inf. acabar de + inf. terminar de + inf. começar por + inf. começar + ger. acabar por + inf. acabar + ger. terminar por + inf. terminar + ger. continuar por + inf.	andar a + inf. andar + ger. ir + ger. vir + ger. ficar a + inf. ficar + ger. andar para + inf. ir a + inf. ir para + inf. passar a + inf. pôr-se a + inf. romper a + inf. deitar a + inf. pegar a + inf. desatar a + inf. largar a + inf. entrar a + inf. meter-se a + inf. vir a + inf. chegar a + inf. ir + inf. vir + inf. ficar por + inf. voltar a + inf. tornar a + inf. deixar de + inf. ficar de + inf. ter + part. ter de + inf. haver de + inf.	ser + part. estar + part. estar a + inf. estar + ger. estar para + inf. estar por + inf.	Obs.: Só diacronicamente e representada pela 'morfologização' (tipo: <i>cantaret</i> de <i>cantare habeo</i> , etc.).

Os verbos auxiliares integrados nas 2.ª e 3.ª fases de gramaticalização só funcionam nesta qualidade ao nível da *norma*, pois, ao nível do *sistema*, representam também, virtualmente, verbos 'conceptuais'. De facto, como já foi aqui salientado, fora do contexto perifrástico, funcionam como verbos 'plenos' ou 'autónomos'. Contrariamente, os que estão integrados na 4.ª fase funcionam, já ao nível do *sistema*, nessa qualidade, isto é, como verdadeiros *catagoremas*. Convém, porém, chamar a atenção, de novo, para o facto de que, quer os auxiliares das 2.ª e 3.ª fases, simultaneamente, quer os da 4.ª, quando unidos a 'verbos conceptuais' num todo perifrástico, constituem uma unidade, tanto ao nível da *norma* quanto ao nível do *sistema*.

As construções da 2.ª fase, formadas por *verba adiecta*, isto é, por verbos «que funcionam geralmente como determina-

ciones ulteriores, verbalmente configuradas, de otras acciones verbales primarias»²⁸, são designadas por Wolf Dietrich de 'perífrases extensivas', por oposição às da 3.^a, formadas por *verba denominativa* (verbos que, ao contrário dos *adiecta*, representam a classificação primária da realidade extralinguística) e às da 4.^a, formadas por *categoremas especiais*, que denomina, conjuntamente, de 'perífrases intensivas'. A distinção entre aquele e este tipos de perífrases radica, segundo Wolf Dietrich²⁹, no comportamento sintáctico das construções em causa. Assim, as 'perífrases intensivas' são as que «se construyen con *verba denominativa* como modificadores y cuyos modificadores de ningún modo pueden ser modificados autónomamente» e as 'perífrases extensivas', as que são «formadas sobre todo con *verba adiecta* y los *verba denominativa* sinónimos de aquellos en lo que respecta a la designación, cuyos modificadores pueden ser modificados autónomamente en medida limitada, y ello con mantenimiento de su función instrumental».

Note-se, finalmente, que, no caso das perífrases com *verba adiecta*, o significado instrumental destes modificadores é em cada caso igual ao seu significado léxico. Neste caso, a sua gramaticalidade é de natureza especial. Ao invés, nas perífrases com *verba denominativa*, o significado instrumental destes modificadores nunca é igual (apenas podem reservar um que outro sema) ao seu significado léxico. Neste outro caso, a sua gramaticalidade é mais perfeita ou de natureza menos especial.

Vamos rematar esta primeira parte deste artigo com uma definição de *perífrase verbal*, com a qual operaremos na segunda parte, ao estudarmos as perífrases que, na actual norma linguística portuguesa, expressam diferentes valores aspectuais de visão. Assim, para nós, uma *perífrase verbal* (= gramatical)

²⁸ Wolf Dietrich, *El Aspecto Verbal Perifrástico en las Lenguas Románicas*, p. 78. Sobre o conceito de *verba adiecta/verba denominativa*, vide, também, de E. Coseriu, «Semántica y Gramática» e «Los universales del lenguaje (y los otros)», in: *Gramática, Semántica, Universales*, pp. 128-147 e 148-205, respectivamente.

²⁹ Wolf Dietrich, *op. cit.*, pp. 226-231. No entanto, as citações que, no texto, vêm a seguir encontram-se na p. 230.

é uma construção que reúne, quase sempre³⁰, duas formas verbais, uma flexionada (morfemas de tempo, modo, voz, pessoa e número) e outra não flexionada (infinitivo, gerúndio ou particípio), constituindo um verdadeiro sintagma verbal, semântica, paradigmática e sintagmaticamente delimitado, e uma unidade constante aos níveis da 'norma' e do 'sistema' e que tem por função expressar uma modalidade, ou seja, um valor sistemático de natureza, ou modal, ou temporal, ou aspectual, ou diatética.

³⁰ Construções como *tenho estado a falar, tens estado a estudar*, etc., constituídas por dois verbos auxiliares (o primeiro numa forma finita e o segundo numa forma não finita — neste caso, *participio*, mas também pode ser *infinitivo* —) mais um verbo auxiliado (este, sempre, numa forma infinitiva), também se enquadram neste conceito de *perífrase verbal*. Note-se, porém, que são construções que ainda não estudámos sistematicamente. Por isso, apenas tratamos agora de construções formadas por dois verbos: um auxiliar + um auxiliado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÂMARA JR., J. Mattoso — *História e Estrutura da Língua Portuguesa* (3.ª edição). Rio de Janeiro: Padrão-Livraria Editora Lda., 1979.
- CARVALHO, José G. Herculano de — «Temps et aspects: problèmes généraux et leur incidence en portugais, français et russe», in: *Estudos Linguísticos*, vol. 3.º. Coimbra: Coimbra Editora, 1984.
- CARVALHO, José G. Herculano de — *Teoria da Linguagem* (Natureza do fenómeno linguístico e análise das línguas). Tomos I e II. Coimbra: Atlântida Editora, S.A.R.L., 1979.
- COSERIU, Eugenio — «Aspect verbal ou aspects verbaux? Quelques questions de théorie et de méthode», in: *La notion d'aspect*. Recherches Linguistiques V. Paris: Librairie Klincksieck, 1980.
- COSERIU, Eugenio — «El aspecto verbal perifrástico en griego antiguo (y sus reflejos románicos)», in: *Estudios de Lingüística Románica*. Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1977.
- COSERIU, Eugenio — «Semántica y Gramática», in: *Gramática, Semántica, Universales* (Estudios de Lingüística Funcional). Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1978.
- COSERIU, Eugenio — «Los universales del lenguaje (y los otros)», in: *Gramática, Semántica, Universales* (Estudios de Lingüística Funcional). Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1978.
- DIETRICH, Wolf — «As perífrases verbais de 'modalidade' em português», in: CARVALHO, José G. Herculano e SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen (org.), *Estudos de Linguística Portuguesa - Coleção Linguística «Coimbra Editora»*, 1.º Vol. Coimbra: Coimbra Editora, 1984.
- DIETRICH, Wolf — *Der periphrastische Verbalaspekt in den romanischen Sprachen*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1973. [Versión española de Marcos Martínez Hernández (revisada por el Autor): *El Aspecto Verbal Perifrástico en las Lenguas Románicas*. (Estudios sobre el actual sistema verbal de las lenguas románicas y sobre el problema del aspecto verbal perifrástico). Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1983].
- DUBOIS, Jean et alii — Verbetes «aspect» e «auxiliaire», in: *Dictionnaire de Linguistique*. Paris: Librairie Larousse, 1973.

LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro — «Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de auxiliaridade». (Artigo que constitui a ampliação de um dos capítulos da tese de doutoramento da Autora, intitulada *L'Auxiliarité en Langue Portugaise*, e defendida em Fevereiro de 1971 na Universidade de Paris II), in: *Análises Linguísticas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

PONTES, Eunice — *Verbos Auxiliares em Português*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

POTTIER, Bernard — «Sobre el concepto de verbo auxiliar», in: *Lingüística Moderna y Filología Hispánica*. (Versión española de Martín Blanco Alvarez). Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1976.

ROCA-PONS, J. — *Estudios sobre Perífrasis Verbales del Español*. Revista de Filología Española, Anejo 67, Madrid, 1958.

Separata da Revista *DIACRITICA*
N.º 5 • 1990